



A PEDRA E A ESCRITA

por Denize Dall Bello¹

Resumo/Abstract: Este texto representa uma pequena parte de minhas investigações sobre a presença do mito do deus Hades e da divindade grega- o rio Lete- no hipertexto eletrônico. Nele, procuro discutir de que maneira o gesto do escrever está vinculado ao gesto de talhar a pedra, realizado pelos antigos antepassados do homem- os caçadores do paleolítico. Os estudos do paleontólogo André Leroi-Gourhan, particularmente a sua obra "Os caçadores da pré-história" auxiliaram-me nessa aproximação entre a longa cadeia de atos de "modelar a pedra" praticada por esses primeiros homens e o ato de escrever.

*Quando encontrares quaisquer trechos que te pareçam úteis, faz uma marca forte neles,
que poderá servir de visco em tua memória, pois de outra forma eles poderão voar para
longe.*

(Alberto Manguel, 2001: 82)

¹ Denize Dall Bello é doutoranda pelo Programa de Comunicação e Semiótica da PUC/SP e professora na UFMT/Universidade Federal de Mato Grosso.





Gostaria de apresentar uma outra história sobre o nascimento da escrita que é bem anterior àquela que foi feita com o barro, na época dos sumerianos. Esta é feita com a pedra e pertence a um período muito longínquo- mais ou menos há três milhões de anos atrás.

Eu a descobri quando lia a obra do paleontólogo André Leroi-Gourhan- "Os caçadores da pré-história". E, por causa do belo modo como esse autor exibiu as diferentes técnicas inventadas pelos homens do período paleolítico para fabricarem os utensílios de caça, é que percebi que o princípio da escrita estava ali. Diria talvez que o vi na imagem da partição de uma pedra em duas para fazer dela uma "faca". Aliás, a meu ver, parece que foi seguindo esse gesto que Leroi-Gourhan conseguiu organizar e descrever as diversas indústrias do talho que se sucederam durante a era quaternária. Elas me permitiram ver o quão é antigo e complexo o aparecimento do homem e as suas criações culturais com a pedra.

Contudo, antes de apresentar as linhas gerais da evolução humana, Leroi-Gourhan faz uma referência breve aos quatro grandes episódios glaciais que cobriram a Terra de gelo: Günz, Mindel, Riss e Würm, a fim de que se pudessemos localizar em quais épocas essas indústrias aconteceram e, a partir de então, entender a série de gestos realizados pelos homens da pré-história na criação de seus utensílios particularmente os imaginados com a pedra.

Os registros de sua pesquisa recaíram praticamente sobre os três últimos períodos. E foi neles que me fixei, também; uma vez que ele atribuiu à glaciação de Riss, ao período interglaciário Riss-Würm e à glaciação de Würm como os períodos que correspondem ao desenvolvimento dos antepassados diretos da cultura humana: o homem de Neandertal e o homo sapiens atual. Traduzido em números, isso significaria mais ou menos duzentos





mil anos de história humana.

Mostrar e encobrir

Segundo Leroi-Gourhan, para conhecermos, pelo menos em parte, esses períodos, os locais onde e como viveram os homens pré-históricos, não há outro modo senão o de tentar ler aquilo que denomina de "os arquivos da terra". Ele admite que esse é um trabalho muito difícil de ser realizado, porque, a superfície terrestre sempre sofreu com a ação de duas forças contrárias e complementares, a erosão e a sedimentação, cujos movimentos- "mostrar e encobrir" - expressam o modo como a memória do Planeta e dos homens foi sendo constituída e acumulada.

O funcionamento dessas "duas leis geológicas" é explicado por ele da seguinte maneira: os restos esqueléticos de humanos ou de animais, os ossos de crânios, as pedras talhadas, os bocados de carvão, quando conseguem sobreviver à ação do tempo, devem aproveitar os momentos de repouso da erosão para se "esconderem" nas fendas, nos planaltos, nos fundos dos vales e ali permanecerem o maior tempo que puderem, uma vez que essa voltará outras vezes e tentará arrastá-los para mais longe ainda. Aqueles que não forem carregados pela chuva ou por qualquer outra intempérie, ficarão depositados nas camadas mais profundas da Terra; misturados à lama, areia e pedra.

Assim é que a pré-história do homem foi sendo escrita. As camadas de sedimentos, mesmo com a intervenção da erosão, que freqüentemente embaralha tudo o que está depositado no solo, ajudaram, sim, a fixar um pouco da nossa história. Numa espécie de "pacto" realizado entre esses textos e o esquecimento, esses, permitiram se afundar em





lama e em areia, sabendo que seriam outras vezes invocados na memória de novos homens.

Nesse sentido, esse estudo de Leroi-Gourhan é um documento especial, para mim, porque ele "lutou" contra o esquecimento; conhecendo-o e registrando-o cuidadosamente através do seu minucioso trabalho de escavações, raspagens e sopros; andando por primeiro pelas camadas mais recentes e descendo depois até aos depósitos mais inferiores.

Reconheço que foi uma longa jornada ler essa obra. Mas ao subir de volta desses últimos arquivos, carregada de fragmentos de pedras não muito pequenas e alguns fios cortantes, percebi que junto vinha também um "fiozinho"; não de areia, "era feito de escrita". Eu só o vi, porque ele escorria fininho por entre uma das pedras partidas. Foi a partir dele que essa história começou.

Dos fragmentos às pontas e lâminas

A primeira indústria do talho descrita por Leroi-Gourhan foi a de Abbeville, encontrada na França, e a de Clacton, localizada na Inglaterra. Todos os objetos achados nesses locais datam do começo do quaternário e foram fabricados por paleantropianos primitivos.

A técnica era muito simples. Consistia em escolher adequadamente um seixo de sílex para, em seguida, com alguns golpes de percutor aplicados perpendicularmente na superfície do corte, obter-se uma espécie de "faca". Num primeiro estágio, o principal era





garantir que os fragmentos dessas batidas fossem bons para cortar a caça. Num segundo estágio, a técnica já se complexificava um pouco mais, pois o procedimento consistia em trabalhar sobre o núcleo do seixo, fazendo saltar desse dois fragmentos; um ao lado do outro. Virando esse mesmo seixo e batendo na aresta entre os dois fragmentos, conseguia-se fabricar uma espécie de faca com fios, ainda, muito irregulares. Ambas são exemplos de facas muito primitivas e serão chamadas de chopper e chopping-toll. Por fim, no último estágio, a libertação da ponta significava o surgimento de uma faca bicuda, ainda rudimentar, cuja forma é a de uma amêndoa. Ficou conhecido como "biface". Essa foi a primeira família de gestos que deu origem a uma mesma família de utensílios. Do fragmento ao cutelo e desse ao biface.

Para Leroi-Gourhan, esse ato de talhar a pedra dos dois lados já dava mostras de discernimento, porque os operários precisavam saber escolher o ponto em que iriam bater, "calculando" bem a força dos golpes que seriam empregados. Certamente havia muita perda de material e os utensílios fabricados eram pesados e grosseiros. De qualquer forma, essa série de gestos já atestava o traço de uma nascente "humanidade".

Antes de aparecer uma outra indústria, a achaulense, a Terra passou por um duro período glaciário. Estima-se que foi a "época" em que Mindel se manifestou. Os registros dessa indústria encontram-se no intervalo entre as glaciações de Mindel e de Riss, e nas glaciações de Riss e de Würm.

São também paleantropianos que talham a pedra. E são bons operários. Aproveitam os gestos aprendidos da indústria anterior e acrescentam um novo gesto: utilizam o corte em comprimento e com um percutor de madeira conseguem cortes longitudinais planos e precisos. É um progresso e tanto.





Nesse estágio, interessava muito a esses homens caçadores obterem bifaces que fossem menores e menos pesados. A aplicação de uma pancada tangencial que fazia saltar lascas alongadas marcou o início de uma progressiva substituição dos grandes bifaces pelas lascas cortantes. Sem dúvida, eles pelejaram para conseguirem transformar as "pesadas amêndoas" inventadas pelos seus antecessores em lâminas muito mais vivas e afiadas.

Contudo, é a partir da utilização desses subprodutos dos bifaces que nasce a técnica denominada levalloisiense. Das lascas tiradas do núcleo, vemos multiplicarem-se os raspadores, as pontas triangulares, as facas ovais, parecidas com "pequenas carapaças de tartarugas de jardim". O ponto culminante desta técnica é as pontas de base estreita. E os neandertalinos, últimos representantes dos paleantropianos, orientarão o retalhamento "da pedra" no sentido de extraírem dela pontas cada vez mais "certeiras".

Leroi-Gourhan conta que desde o Abbeviliense, a relação do homem com a quantidade e com o peso do sílex bruto modificou-se. Muito lentamente esses operários foram se desapegando dos locais que lhes forneciam esse material. O aperfeiçoamento das técnicas e a conseqüente redução no desperdício da fabricação dos utensílios contribuíram para que a ligação entre o homem e essas regiões fosse consideravelmente reduzida.

Na segunda parte da glaciação de Würm, o homo sapiens aparecerá na Europa e a ele caberá difundir a nova indústria organizada pelos antigos antropóides. A característica essencial desse último período, o Magdalenense, será uma acentuação para o microlitismo. Ou seja, as lâminas extraídas do núcleo, sofrerão novas partições para dar origem a pequenas peças, de modo que a lâmina se transforma em fonte de outros utensílios.





De acordo com Leroi-Gourhan, o que houve foi um deslocamento de atribuições: o que no início foi um bloco inicial de utensílio, passou a ser fonte de utensílios e, mais para o fim do Paleolítico, a lâmina também já não era utensílio, mas foi fracionada para servir como ponto de partida a outros objetos propriamente ditos.

O "homem-lítico"

Quando, por enfim, concluí a leitura desse livro de Leroi-Gourhan, citado no início do texto, entendi, um pouco aflita, que precisava reconsiderar em parte minha compreensão sobre o que, para mim, seria o "nascimento da escrita."

Não nego que o primeiro pensamento que me sobreveio foi: "Como um material (aparentemente) tão descarnado de luminosidade, tão silencioso poderia sugerir-me ligações tão estreitas entre a história do surgimento dos homens e do gesto de escrever?"

A resposta veio com as entrevistas de André Langaney e Jean Clottes em "A mais bela história do homem" que mostraram como o homem paleolítico estava muito exposto aos rigores do ambiente ao seu redor. As populações humanas eram pouco numerosas e viviam em bandos muito pequenos. Passavam fome com frequência e por causa dessa escassez de recursos, esses caçadores-coletores não hesitavam em percorrer longas distâncias por dia. Estavam submetidos aos imprevistos da caça e da coleta e, provavelmente, sentiam-se "muito isoladas em um mundo animal pletórico" (Clottes, 2002:84). Diante de um meio ambiente tão "des-humano", a pedra era um ser que oferecia "persistência" e para captar esse sentido dela, o homem começou a desbastá-la.





Esse "descarnamento" por meio do talhe, do recorte, da raspagem até ao seu esgotamento modificou-a profundamente. Ela já não era mais só o sílex bruto cobiçado pelos caçadores das primeiras indústrias. A pedra foi se transformando em muitas coisas: em lascas e em fragmentos, depois em pontas de tipos sortidos, e em lâminas de gumes aguçados. Algumas, ainda, se transformaram em "lâmpadas de pedra" para iluminar as entradas das grutas úmidas e outras foram assentadas no chão de terra, como se fossem "assoalhos de pedra", a fim de nivelar os buracos.

Não resta dúvida de que a ponta da pedra havia "picado" o homem. E esse, por sua vez, já não era mais o mesmo.

Ashley Montagu em "Introdução à Antropologia" observou muito bem esse gesto do "ferir" e os efeitos que o acompanharam. Escreveu que, em decorrência do desenvolvimento de instrumentos, muitas funções que antes eram executadas pelos dentes passaram a ser realizadas com maior eficácia por esses implementos artificialmente manufaturados. Os grandes dentes tornaram-se desnecessários; diminuindo gradativamente de tamanho, assim como os maxilares que os sustentavam. E "as mãos se converteram em magníficos instrumentos de precisão". (1968: 114) Da mesma forma, o pé do homem também se desenvolveu "no processo de adaptação ao esgueira-se, ao caminhar e ao correr, que são todas atividades envolvidas na caça." (1968:114)

E o ato do caminhar carrega significações muito mais profundas que simplesmente relacioná-lo à caça ou às expedições organizadas até as pedreiras de sílex em busca de alguns quilos de matéria-prima.





Sem dúvida, ele nos diz sobre como o homem estava lutando para "artificializar" o seu mundo. Ao caminhar para achar a pedra, estava se movendo em direção ao mundo. Ou seja, ele caminhava nesse espaço para torná-lo seu lugar de moradia, seu território. Esperava humanizá-lo e humanizar-se.

Edgar Morin reconheceu isso também. Ele viu a técnica como um meio de o homem abrir-se para o cosmo; forçado a novas participações. De forma que ele pode dizer: "a técnica abre o mundo ao homem e o homem ao mundo; dialecticamente, o mundo penetra nele e enriquece-o. Simultaneamente, o homem, assim, transformado, transforma o mundo dá-lhe determinações humanas." (1970: 87)

Assim, estou inclinada na direção da "transferência" de Edgar Morin, quando penso que o homem ao apropriar-se da pedra, fabricando instrumentos e objetos, apropriou-se de si próprio. Muito claramente, ao agarrá-la, foi se encaminhando para dentro de si.

O nascimento da escrita: o corte e o fio

Mas é meu desejo, aqui, o de mostrar porquê a imagem do cortar a pedra e a longa cadeia de gestos apresentada pelas indústrias do talho tornaram-se importantes para que eu relacionasse o nascimento da escrita a essas séries gestuais.

Em primeiro lugar, entendi "o gesto do cortar" no sentido de "passagem" de um estágio a outro. E penso que os argumentos trazidos para esse texto evidenciaram essa mudança, na qual o homem se viu obrigado a fiar-se cada vez mais da inteligência para sobreviver. Segundo Montagu, a caça de animais pequenos desafiou o homem para que aperfeiçoasse





os seus instrumentos e tal afeiçoamento apresentou-se como bastante eficiente à solicitação do ambiente da savana.

Assim, além de referir-se a essa "perturbação"; na sua origem, a escrita vincula-se de modo muito particular ao universo da caça, intensificada e complexificada pela "modelagem" da mão e da pedra.

Imagino a raiz da escrita localizada justamente nessa "seqüência" de gestos hábeis responsáveis pela produção de instrumentos que perfuraram, cortaram e separaram a caça em pedaços. Além do mais, não posso deixar de dizer aqui que a idéia de cortar e de dividir está guardada dentro do radical latino da palavra kribh- escrever. Daí que interpretei a necessidade pragmática desses caçadores-coletores e a realização do gesto primordial "do cortar" como um prenúncio do gesto "de escrever".

Já disse anteriormente que, de tanto o homem talhar a pedra e ela a ele, acabaram se "ferindo". Procurei mostrar em que a pedra ajudou o homem a se transformar, e em que ele a transformou, entretanto falei pouquíssimo da imagem que disse haver vislumbrado logo no início desse trabalho: uma pedra cortada ao meio.

Vilém Flusser nos conta de forma admirável o nascimento da escrita como um evento no qual a linha "astuciosamente ilude" a imagem. Um dia, a linha que estava ao lado da imagem, ocupando a margem direita dessa, perfurou "a cena" da imagem e a transformou em uma história. Por causa desse acontecimento, contar uma história passou a significar o desenrolar da antiga cena em "fios ordenados". Assim, para Vilém Flusser, a escrita nasceu das imagens que já na pré-história povoavam as superfícies das cavernas. Exatamente aqui essa passagem de Flusser é útil, pois tem a ver com o que vou sugerir.





Para mim, as imagens que "viraram" linhas, sem deixar de ser imagens, e, portanto, escrita, nasceram de dentro das pedras partidas no tempo do paleolítico. O homem primitivo as descobriu quando abriu em duas metades a primeira pedra encontrada. Rapidamente, elas "saltaram" desse lugar fechado e correram para as cavernas, passando a habitar o universo dos homens e as escuras paredes dessas grutas. Suspeito que foi por isso que Flusser as enxergou ali, agarradas às superfícies. É que, escondidas no interior da pedra, dificilmente seriam percebidas.

Precisou, bem mais tarde, que os caçadores-coletores, também "pintores", "entrassem" nas cavernas e munidos de pontas duras de sílex, raspassem cuidadosamente as paredes e com carvão e argila fizessem "re-viver" as imagens que lá foram se gestar.

Tal qual viu Flusser, as imagens "saíram" das rochas e "subiram" até as superfícies. O homem, invadido pelos sonhos; contaminado pelas trevas das grutas, começava a "pintar suas visões". Mas esse já é um outro pedaço da história, para o qual eu ainda, corajosamente, preciso me "encaminhar".





BACHELARD, Gaston, (1990) *A Terra e os devaneios do repouso* São Paulo: Martins Fontes

BAITELLO, Norval, (1999) *O animal que parou os relógios* São Paulo: Annablume

CHARDIN, P.Teilhard, (1956) *O lugar do homem na natureza* Lisboa: Instituto Piaget

FLUSSER, Vilém, (2002) *Writings* Minneapolis/London: University of Minnesota Press

HILLMAN, James, (1983) *Cidade e Alma* São Paulo: Studio Nobel

LANGANEY, André, et al., (2002) *A mais bela história do homem* Rio de Janeiro: Difel

LEROI-GOURHAN, André, (1983) *Os caçadores da pré-história* Lisboa: Edições 70

MONTAGU, Ashley, (1962) *Introdução à Antropologia* São Paulo: Cultrix

MORIN, Edgar, (1970) *O homem e a morte* Portugal: Publicações Europa-América, LDA

